



Boletim de D. António Barroso

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador
Propriedade: Associação "Grupo dos Amigos de D. António Barroso". NIPC 508 401 852
Administração e Redacção: Rua Luís de Camões, n.º 632, Arneiro | 2775-518 Carcavelos
Tlm.: 934 285 048 – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

III Série

Ano III

N.º 8

Abril / Setembro de 2013

RECORDANDO A NOMEAÇÃO DE D. ANTÓNIO BARROSO PARA A DIOCESE DO PORTO

Por morte do Cardeal D. Américo Ferreira dos Santos Silva (21-1-1899), o Núncio Andrea Aiuti enviou ao Secretário de Estado do Vaticano informações sobre o que constava relativamente ao seu sucessor. A escolha de D. António Barroso ficou a dever-se muito à intervenção deste Núncio, que, por telegrama de 27 de Janeiro de 1899, comunicou ao referido Secretário de Estado que a nomeação: «[foi] acolhida com entusiástica satisfação pelo clero e pelo povo, bem como pela imprensa toda. Este Prelado terá uma entrada triunfal no Porto, quando para lá for. Tem justificada fama de ser homem apostólico, eclesiástico destemido e cheio de zelo e bispo que apoia e ajuda qualquer instituição. É inteligente, de boas maneiras e fala bem em público.»

D. António Barroso foi nomeado em 21 de Fevereiro de 1899 e confirmado no consistório de 20 de Maio, sendo emanada a transferência por Bula de 23 de Maio de 1899. A notícia da nomeação rondou mesmo algum exagero em alguma imprensa, como o Jornal *Alliança*, de 2-8-1899, que escreveu: «o novo bispo do Porto tem qualidades de talento e virtude, que podem ser igualadas mas não excedidas, porque ninguém ainda nobilitou nem engrandeceu mais o nome português lá fora do que o Senhor D. António Barroso; ninguém levou o evangelho mais longe, ninguém semeou mais a boa doutrina da cruz».

O novo bispo tomou posse em 24 de Junho e entrou, triunfal e solenemente, na diocese da invicta em 2 de Agosto de 1899.

Há 100 anos, em 12 de Junho de 1913, D. António Barroso foi chamado a julgamento no tribunal de São João Novo. P. 6

D. Manuel Clemente regressa a casa, agora como Patriarca de Lisboa



Reedificar na Paz a Cidade de Todos

D. Manuel Clemente

Bispo de Lisboa

«Que D. António Barroso me acompanhe agora em Lisboa! MC» (E-mail para o vice-postulador, em 03/07/2013)

D. Pio Alves, Administrador Apostólico da Diocese do Porto



«Deveremos continuar a fazer o que está ao nosso alcance para que a Causa de D. António Barroso atinja a meta desejada: D. António Barroso merece e a Diocese necessita desse estímulo e intercessão. Pio Alves»

(E-mail para o vice-postulador, em 02/07/2013)

D. ANTÓNIO BARROSO E A SOCIEDADE MISSIONÁRIA DA BOA NOVA, EM MOÇAMBIQUE



Por Jerónimo Nunes, missionário em Malema, Moçambique (foto). Foi Superior Geral da SMBN, entre 1994 e 2002.

Fotos de Sofia Silva e SMBN

I – Os planos de D. Barroso

Foi curta a passagem de D. António Barroso por Moçambique. De junho de 1891 a Setembro de 97, seriam seis anos de governo. Na realidade as doenças e a demora das viagens só lhe permitiram



Primeira Expedição de Missionários da Boa Nova, para Moçambique, 1937



Mutuali. Primeira Missão fundada pelos Missionários da Boa Nova, em Moçambique, 1938

morar na Prelazia três anos e meio. Mas foi tempo suficiente para apoiar as missões que existiam e conceber um plano de evangelização para toda a Prelazia.

Os poucos missionários que existiam eram quase todos goeses, dedicavam-se ao comércio, moravam à beira mar e trabalhavam sobretudo com brancos. A exceção era a presença fecunda dos jesuítas na Zambézia. Tinham sido expulsos mas estavam presentes de novo.

Um bom começo foi reorganizar o existente. O grande exemplo eram as missões antigas, criadas por dominicanos e jesuítas na Zambézia: ensino eficiente que atinja também as meninas e evangelização mais séria; formar pessoas que possam assumir o cristianismo e multiplicar a presença evangelizadora no meio do povo.

A base do seu plano estratégico era a formação de trabalhadores para a messe, missionários que eram muito poucos. A fraqueza da Igreja local não possibilitava, por enquanto, a formação do clero local. Por isso, D. Barroso concebeu o plano de um seminário em Portugal que formasse missionários bem preparados e organizados. Esse foi um sonho pelo qual lutou até ao fim da vida. Mesmo como Bispo do Porto, continuou a batalhar pela reorganização do Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim.

Para a evangelização da população local, concebeu o plano de criar missões centrais em locais estratégicos no interior. As suas três viagens para tentar chegar ao Lago Niassa demonstram o enorme esforço pessoal para concretizar o sonho. Como filho humilde da Igreja, queria torná-la presente nas áreas mais islamizadas. Talvez “o bom nome da nação portuguesa” o motivava também a chegar às fronteiras ameaçadas pela avi-

dez da Inglaterra que já colonizava as áreas vizinhas, em grande parte por meio das Igrejas que enviava. É normal, naquele tempo, que o Bispo quisesse contrapor-se à entrada de Igrejas protestantes e se-mear nas terras islamizadas do Niassa.



O caminho-de-ferro foi meio utilizado para implantar escolas-capela e criar comunidades em centros populacionais distantes

Pelas normas do Padroado, o governo devia financiar e apoiar esses planos de evangelização. Mas a monarquia estava fraca e muitos falavam até em abandonar Moçambique. Os planos pioneiros de D. Barroso produziram alguns frutos, mas não atingiram a dimensão desejada.

A formação de missionários seculares só foi reorganizada na década de 1920,



A comunidade local é espaço de encontro, comunhão e louvor a Deus

depois da morte de D. Barroso, sob o impulso de D. João Evangelista de Lima Vidal, D. Teotónio Vieira de Castro e outros missionários. E a Igreja só conseguiu executar um plano para evangelização de Moçambique depois das mudanças políticas dos anos 30 que permitiram a entrada maciça de várias congregações religiosas masculinas e femininas.

2 – A Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas (hoje Sociedade Missionária da Boa Nova - SMBN)

D. António Barroso formou-se em Cernache do Bonjardim. E esse seminário que formava padres seculares para todas as colónias, estava muito voltado para a Ásia, sobretudo Índia e China (Macau e Timor). Na primeira década do século XX enviou bastantes missionários para Moçambique. Eles trabalharam com afinco e método e aí permaneceram até à morte. Mas a maior parte ainda ficou perto da praia, embora dedicando-se muito aos indígenas, a ideia forte dos jesuítas e de D. Barroso.

A Sociedade Missionária nascida em 1930, herdeira de Cernache do Bonjardim, é que irá alterar completamente a estratégia e os métodos. Restringindo o campo de ação dos antigos seculares, a Santa Sé incumbiu-a de evangelizar Moçambique.

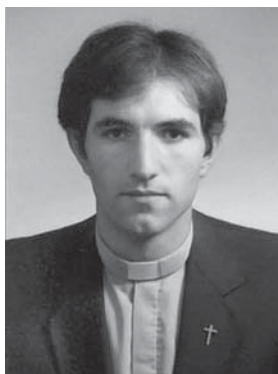
Para lá partiram os primeiros missionários, junto com D. Teodósio, nomeado Prelado de Moçambique. Depois de um curto estágio nas terras do sul, foram enviados para a terra dos sonhos de D. Barroso: o Niassa, onde era maciça a influência dos muçulmanos.

Estabeleceram-se em Unango. Rapidamente perceberam que o meio era adverso e os frutos da pregação seriam poucos. Mas não desanimaram porque as ideias eram claras: o importante não é a conversão de todas as pessoas mas a criação de condições para o nascimento da Igreja local. Nesse sentido tinha avançado a teologia missionária, depois do pioneiro Barroso, e Pio XI o confirmava nas suas encíclicas missionárias: implantar a Igreja por meio do clero indígena e do laicado nativo.

A escola-capela era o símbolo: formar pessoas e apóstolos locais. Os muçulmanos recusaram-se a enviar os seus filhos à escola. Mas as poucas crianças que chegavam eram tratadas com carinho e instruídas cuidadosamente. Entre as que aceitavam ser batizadas começou um dis-

cernimento: quem pode ser convidado para o seminário e quem pode ser professor catequista – clero e laicado da futura Igreja local. E essa formação foi levada a sério, era a prioridade. Em 1994 ainda conheci os padres Leandro e Miqueias iniciados no “seminário” de Unango.

Um ano depois, a equipa de Unango dividiu-se e criou nova missão um pouco a sul, numa área não islamizada e mais aberta à novidade do Evangelho: Mutuáli, um ambiente e um local estratégico. Aí floresceu o método. O seminário continuou em Unango, mas a formação de leigos professores-catequistas frutificou no Mutuáli, ainda perto do Niassa, a quase 300 kms de Nampula. O caminho-de-ferro permitiu a colocação de escolas estratégicas ao longo de 200 kms, até Namina.



Missão do Chiúre. Campa de um mártir da Igreja missionária. O Padre António Rocha, da SMBN, partiu para Moçambique, em 26/11/1988, e foi assassinado às portas da Missão onde ia iniciar a sua actividade. Tinha 29 anos.



Os professores-catequistas formados no Mutuáli foram enviados para toda essa área e até para Nampula, Ilha de Moçambique e Corrane.

Nos anos 40 nasceu a Missão de Meconta – estrategicamente colocada a meio dos 200 kms que separam Nampula da Ilha de Moçambique.

Da semente lançada nessas missões pioneiras nasceram todas as missões do sul e oeste da atual Arquidiocese de Nampula.

Em 1945 a Missão de Unango foi entregue aos padres da Consolata e o Bispo de Nampula transferiu o seminário para a sede da diocese. Para grande desgosto dos missionários, o senhor Bispo fechou o seminário. O método pioneiro só voltou a ser aplicado em 1957, na nova Diocese de Pemba, com um Bispo da SMBN, D. José dos Santos Garcia.

O sonho de D. Barroso para a formação feminina também se fez realidade nas novas missões. Junto à equipa masculina



Missão de Malema. A Escola Profissional dá formação a carpinteiros e pedreiros

havia sempre uma equipa de irmãs dedicadas à formação das crianças, das noivas, da saúde. O objetivo não era só converter pessoas mas formar famílias cristãs a irradiarem no seu meio.

Nem sempre os padres da Sociedade são santos, corajosos, pioneiros e clarividentes como o foi D. António Barroso.

Muitas vezes apegamo-nos a costumes e tradições pouco originais e ao comodismo do já feito. Mas penso que, como família, somos herdeiros dele com espírito de seus seguidores. Há 50 ou 60 anos contribuímos decisivamente para a criação de dioceses com rosto indígena e protagonistas locais. A prova de fogo foi o tempo da guerra que dispersou missionários mas não matou a Igreja. Os leigos formados assumiram os ministérios funda-

mentais para manter a Igreja viva, atuante e criadora de novas comunidades.

Hoje que os missionários já são poucos, temos a alegria de colaborar com clero e leigos africanos, tentando contribuir para que as Igrejas locais mantenham o dinamismo missionário e sejam protagonistas na evangelização da cultura e da sociedade.

P. Jerónimo Nunes



Centro Social Mães de Mavalane - escola e centro de formação profissional na periferia de Maputo

A SOCIEDADE MISSIONÁRIA DA BOA NOVA QUE SUCEDEU AO COLÉGIO DAS MISSÕES ULTRAMARINAS, PROSSEGUE EM ANGOLA A ACÇÃO INICIADA PELO PADRE ANTÓNIO BARROSO, DAQUELE COLÉGIO

D. ANTÓNIO BARROSO NA VIDA E ACÇÃO DA SOCIEDADE MISSIONÁRIA DA BOA NOVA EM ANGOLA



Por Augusto Farias (na foto, com uma criança vítima das minas). Fotos da SMBN

(Continuação do n.º anterior)

No Kuanza Sul, devido à situação de guerra pós-independência, algumas missões tiveram de fechar mas outras foram abertas. Deste modo foram enviados pelo bispo diocesano para as Paróquias de Porto Amboim, Wuako Kungo, Gabela e apoio ao Ebo, Sumbe. Sempre os Missionários da Boa Nova viveram em zonas de fronteira. Dois companheiros aqui deram a vida por causa do Evangelho, outros dois foram raptados e levados para as matas. Outros tiveram que se esconder no meio dos bombardeamentos e carregam ainda no seu corpo e nas suas almas as marcas da guerra. Mas todos permaneceram no meio do povo identificando-se com o seu destino. E embora o grupo em Angola sempre tenha sido pequeno,



Grupo dos primeiros missionários da Boa Nova, em Angola

os Missionários da Boa Nova passaram por quase todas as missões da actual diocese do Sumbe. À medida que foi surgindo o clero local no qual investiram grande parte das suas iniciativas (mais de metade dos padres e religiosas da diocese são provenientes das missões por onde passámos), foram entregando essas paróquias quer ao clero local quer a outros institutos que foram chegando. Neste momento só temos a Paróquia da Gabela em toda a diocese. Outra nota que sempre caracterizou os membros da Sociedade foi a defesa do povo e dos direitos humanos. As comissões paroquiais de “Justiça e Paz”, que algumas vezes passaram por



Primeira igreja paroquial da Senhora da Boa Nova, feita com chapas (cima). Interior da capela do Capundi, Gabela (baixo).

alguma suspeita e até por certo controlo por parte do governo, sobretudo na fase dos confrontos militares, acabaram por ser uma instituição de muita credibilidade e de grande consciência cívica entre as populações que nalguns casos era a única defesa dos seus direitos e liberdades. E ainda hoje em tempos de paz, mas de muitas arbitrariedades, continuam a ser as sentinelas do povo na defesa dos seus direitos e liberdades e as promotoras da



Igreja da paróquia da Senhora da Boa Nova, Km 12, Viana.

consciência crítica e de responsabilidade cívica.

Mais tarde vieram a ser assumidas novas paróquias nos arredores de Luanda. Já em 1980, o Arcebispo de Luanda nos pede para tomarmos conta da Paróquia de Santa Ana, quase abandonada após a saída do seu pároco e fundador por ocasião dos confrontos armados. Também aqui foi preciso começar tudo do princípio depois desta ausência tão prolongada. A grande aventura foi a entrada em certos bairros considerados interditos a estranhos. As pequenas comunidades disseminadas por esses bairros a nascer cada dia com levas de refugiados vindas do interior e a formação dos seus líderes



Igreja paroquial da Gabela, restaurada.



Assembleia de missionários da Boa Nova da Região de Angola, 2003.

fizeram acontecer o milagre a partir da experiência da relação humana, da oração e partilha da Palavra de Deus, da interajuda e da comunhão fraterna. Foi voltar à vivência da originalidade da Igreja. Aí foram crescendo comunidades, construídas capelas e, mais tarde, mesmo Igrejas. E desta Paróquia nasceram quatro novas paróquias, algumas das quais em fase de nova divisão.

Com a nossa entrega da paróquia de Viana a outra corporação missionária, o arcebispo de Luanda pediu-nos para iniciar uma nova paróquia a construir de raiz num dos bairros periféricos daquela cidade. Foi assim que nasceu no Km 12 a Paróquia da Boa Nova no meio de bairros imensos de pobreza e marginalidade a 2km do actual seminário da Boa Nova. O P. Valente construiu esta Paróquia a partir do Seminário, e quase sempre a pé. Hoje é uma grande paróquia da qual já saíram seis outras novas. Foi também a partir das pequenas comunidades que foram crescendo, e às quais outras se iam juntando, que se deu esse crescimento cristão hoje manifestado nessas novas paróquias. Essas comunidades foram e continuam a ser uma presença transformadora no meio desse mundo anónimo de pobreza, mas onde o amor de Deus se torna visível pela partilha e interajuda. As escolas, os postos de saúde nos quais as religiosas continuam a ser um grande sinal do amor de Deus para os mais desfavorecidos, os grupos de oração, os movimentos de aposto-

lado, as catequeses organizadas nesses núcleos, são os sinais de Deus mesmo para os indiferentes e estranhos.

Hoje a presença da Igreja em Angola joga-se nas áreas sub urbanas onde afluem milhões de pessoas vindas de todo o país na miragem de novas oportunidades e que acabam por perder-se nas malhas da marginalidade e do anonimato. Ninguém conhece ninguém. Perdem-se as referências e as

raízes culturais. As pessoas sobrevivem à base de candonga e do suborno onde vale tudo. Os valores e as tradições são esquecidos. Há uma espécie de neurose colectiva. É por isso que, de certo modo, se deslocou do interior para as periferias das grandes cidades, como é caso da cidade de Luanda, o centro de



Missa campal, em frente à Igreja paroquial de Gabela.

atenção da Igreja, em ordem ao primeiro anúncio onde se joga o futuro da sociedade angolana, sem contudo abandonar o acompanhamento das áreas rurais. As pequenas comunidades, os grupos de primeira evangelização, os movimentos apostólicos, as casas de acolhimento a menores, a intervenção de grupos de

jovens junto de áreas problemáticas são outros tantos meios de que a Igreja tem necessidade para acolher, encaminhar e orientar sobretudo a camada mais juvenil. Mesmo nas nossas paróquias de Viana e Santa Ana estão a ser identificadas bolsas de grande pobreza e de marginalidade às quais temos de dar resposta. É um trabalho que está a ser organizado com apoio de muitos cristãos empenhados. São desafios a que temos de dar resposta.

D. António Barroso foi um homem interventivo e de grande oportunidade nos finais do século XIX quer em Angola, Moçambique, Meliapor ou no Porto. Para cada situação ele descobriu novos caminhos. As coordenadas do mundo e da sociedade mudaram mas o homem a acolher e salvar é sempre o mesmo. Tem sido, creio eu, a capacidade inovadora dos Missionários da Boa Nova nesta terra ao longo destes quarenta e três

anos que os levou a serem capazes de “inventarem” caminhos novos para serem resposta às múltiplas situações e mutações pelas quais tem passado a sociedade angolana. Ele aqui nos sonhou. Pena é que sejamos tão poucos

para tamanha tarefa. Peço-lhe que junto de Deus interceda por nós para sermos fiéis a esse sonho e que sejamos dignos continuadores da obra evangelizadora a que sempre se devotou.

Augusto Farias

Sociedade Missionária da Boa Nova



Irmão Artur Paredes, assassinado na Conda, Kwanza Sul. Campas do Padre Lima e seus companheiros, também assassinados ao serviço do Evangelho.

D. António chamado a tribunal (12-6-1913)

O historiador Joaquim Veríssimo Serrão refere algumas situações de vexame por que passaram alguns bispos portugueses nos primeiros anos da República. Assim, D. Sebastião Leite de Vasconcelos, bispo de Beja, foi destituído das suas funções em 1911 e vítima de uma acusação infamante que o impediu de voltar à diocese. No ano seguinte, foi a vez de D. António Barbosa Leão ser expulso da sua diocese do Algarve, «vendo-se obrigado durante dois anos a viver de esmolas».

Mais humilhante foi – no entender do ilustre professor – a situação de D. António Barroso, que foi alvo dos maiores vexames quando, em Abril de 1911, foi convocado por Afonso Costa. «Viuse depois forçado a viver fora da sua diocese e sujeito a um processo por ter visitado, em 1913, a freguesia de Custóias, no concelho de Matosinhos».

De facto, a “grave” acusação feita a D. António, em 12 de Junho de 1913, foi, a de se ter deslocado a Custóias, nos subúrbios de Matosinhos, diocese do Porto, infringindo o decreto de 7 de Março de 1911, para ser padrinho de baptismo, em representação do papa Pio X, de um filho do Dr. Sebastião dos Santos Pereira de Vasconcelos e Maria Joaquina Leão Pestana e Vasconcelos.

D. António Barbosa Leão descreve assim a atitude do Bispo do Porto ao enfrentar a barra do tribunal: «chamado aos tribunais, não se perturbou: lançou sobre o peito o crucifixo, companheiro inseparável dos seus trabalhos apostólicos, e disse com toda a confiança: Vamos lá, Senhor. Convosco irei alegre para o cárcere ou para a morte».

Em carta ao Encarregado de Negócios da Nunciatura, enviada na véspera do julgamento, escreve D. António Barroso: «absolvido ou condenado, ficará sempre o exemplo de que não deve haver medo dos tribunais quando se defende uma causa justa. Estou contente.»

Informa ainda Veríssimo Serrão que «quando da sua morte, em 31 de Agosto de 1918, a imprensa cobriu de justos louvores a sua figura de homem e de missionário, a que muitos comentadores acrescentaram a virtude do martírio pelos agravos que recebera nos primeiros anos da República».



2 CARDIAL PATRIARCA, D. José Sebastião Netto. 1 ARCEBISPO PRÍMIZ, D. Manuel Baptista da Cunha. 3 ARCEBISPO D'EVORA, D. Augusto Eduardo Nunes. 5 ARCEBISPO-BISPO DO ALGARVE, D. António Mendes Bello. 4 ARCEBISPO-BISPO DE PORTALEGRE, D. Gaudêncio José Pereira. 6 ARCEBISPO-BISPO DA GUARDA, D. Manuel Vieira de Matos. 8 BISPO CONDE, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina. 7 BISPO DE VIZEU, D. José Dias Corrêa de Carvalho. 9 BISPO DE BEJA, D. António Xavier de Souza Monteiro. 11 BISPO DE BRAGANÇA, D. José Alves Maria. 10 BISPO DO PORTO, D. António José de Souza Barroso. 12 BISPO DE LAMEGO, D. Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito.

FLORES PARA OS AMIGOS DE D. ANTÓNIO



No passado dia 10 de Junho, o Dr. José Ferreira Gomes, completou 98 anos. Para celebrar tão faustoso acontecimento, um grupo de amigos e admiradores ligados à Causa de D. António Barroso fizeram-lhe uma visita-surpresa que ele muito apreciou, como as fotos documentam.

Natural de Remelhe e residente em Lisboa, onde exerceu a advocacia ao longo de muitas décadas, foi o grande dinamizador do “Movimento Pró-Canonização de D. António Barroso”. Exercendo as funções de Vice-Postulador para que fora nomeado pela diocese do Porto, realizou um trabalho ciclópico e moroso de recolha de testemunhos, registos biográficos e outros, consultando os arquivos do Vaticano e inúmeros arquivos diocesanos, paroquiais, distritais e particulares. A prova documental recolhida ocupa 26 enormes volumes. Pelo seu empenho, trabalho e dedicação, é merecedor da nossa admiração.

A freguesia de Remelhe esteve muito bem representada, e o presidente da Junta associou-se à homenagem. Aproveitaram-se os momentos de convívio para agradecer a generosidade com que o Dr. José Ferreira Gomes tem apoiado importantes iniciativas das gentes da sua terra, nomeadamente como sócio fundador e grande benemérito do Centro Social de Remelhe “D. António Barroso”, e como doador da significativa quantia de cinco mil euros para a construção da Casa Mortuária de Remelhe.

(Fotos de A. Luís Silva Martins, M. Teresa Ferreira Gomes e Manuel Vilas Boas).



CONTAS EM DIA

A última relação de contas (até 31 de Março de 2013) está disponível no Boletim n.º 7, III Série. Desde aquela data, até 30 de Junho de 2013, foram efectuadas as seguintes despesas: Escola Tipográfica das Missões. Execução e expedição do Boletim n.º 7, III Série: 634,62 €; Expediente, correio e consumíveis: 40,00 €. **TOTAL: 674,62 €.**

No mesmo período, foram recebidos os seguintes donativos para apoio à Causa da Canonização de D. António Barroso e para as despesas do respectivo Boletim: Senhor José Luís da Silva Valente Morais: 20,00 €; Padre José da Rocha Ramos (Paróquia de Alvarelos - Trofa): 100,00 €; Juiz Conselheiro José Luís Pinto Almeida 10,00€; Senhores Rosa Maria de Matos Dias e José Barroso de Matos (Brasil): 100,00€; Dr. João Rodrigues Gamboa: 100,00 €. **TOTAL: 330,00 €.**

Em resposta ao apelo de D. Vicente Carlos Kiaziku, bispo da diocese de Mbanza Congo, Angola, os filhos do Dr. José Ferreira Gomes, num gesto de enorme generosidade, disponibilizaram-se para pagar a reedição de 1000 exemplares da *Súmula Biográfica de D. António Barroso*, que serão distribuídos naquela diocese, onde D. António Barroso trabalhou.

Do Sr. José da Costa Monteiro, presidente da Junta da freguesia de Remelhe, recebemos um donativo da Junta no valor de 500,00€, para patrocínio do livro *D. António Barroso. Memórias de um Bispo Missionário*. Muito obrigado a todos.

Porque é significativa a diferença entre as despesas e as ofertas, e porque é tempo de férias, o presente Boletim, a exemplo do ano passado, cobre os trimestres de Abril/Junho e Julho/Setembro. Contamos com a vossa compreensão e desejamos a todos umas excelentes férias.

NIB DA CONTA BANCÁRIA DA POSTULAÇÃO: 003505420001039580087.

ZELADORAS DA CAPELA-JAZIGO DE D. ANTÓNIO BARROSO



D. António Barroso tem ao serviço, na capela onde repousa, uma equipa de simpáticas e pres-timosas zeladoras que cuidam de manter aquele espaço limpo, decorado e acolhedor. Algumas repartem os seus cuidados pelos doze meses do ano e outras, em número de cinco, prestam servi-ço aos domingos, rotativamente. Das primeiras, que prestam servi-ço ao mês, daremos notícia no próximo número do Boletim, e faremos agora uma breve refer-ência às cinco zeladoras dos domingos: **Ana Brito de Sousa, Maria Margarida Barroso Simões, Maria Alice Gomes Faria, Maria da Conceição Fernandes dos Penedos e Elvira Lopes Paula** (na foto, da esquerda para a direita). Pela extrema dedicação com que desempenham as suas funções, pela delicadeza com que acolhem e informam os visitantes, merecem os nossos aplausos. Flores para elas!

(Fotos de M. Adelaide Araújo Simões)

VISITAS À CAPELA-JAZIGO. Março de 2013: Ana Brito de Sousa (Remelhe); António Joaquim Pereira Silva e Ângela Gomes Ferreira (Rio Covo, Sta. Eugénia); Maria Alice Gomes de Faria (Remelhe); P. José Adílio Macedo, para pedir graças (Remelhe); João António Pimenta Machado, para pedir graças (Barcelos); Isabel Maria Gomes Freitas e família, para pedir graças (Barcelinhos); Maria Julia Barroso Simões (Remelhe); Eusébio Simões (Lisboa); Maria Virgínia Araújo, Américo Barbosa de Matos Pena, Maria Inês Caridade Barbosa e Ricardo J. Caridade Barbosa (Mariz); Teresa Pedrosa dos Santos e João Pereira Gomes (Alvelos); António Torres Vieira e Maria da Ascensão Vieira (Trofa); António Joaquim Pereira Silva (Sta. Eugénia); António Mota e Irene Costa (Manhente); Domingos Campos Pereira (S.Veríssimo); Laurinda Saraiva (Milhazes); A. Pereira Lopes Azevedo, Laurinda Gomes S. e Andreia Patrícia Cardoso Queirós (Várzea); Maria Elisabete da Silva Torres(Barcelinhos); Joana da Silva Gomes (V. Frescainha, S. Pedro); Maria da Graça Alves da Silva (Barcelinhos); Ana Pinto da Silva Gomes (V. Frescainha, S.Pedro); António Ribeiro Oliveira e Maria Alice da Fonseca F. (Faria); Maria Margarida Barroso Simões (Remelhe); Manuel Joaquim Pereira Silva (Adães); Teresa do Nascimento Esteves e Maria Helena da Costa Pereira escreveram:obrigada D. António (S.Veríssimo); Olívia Ferreira escreveu: obrigada, D.António Barroso, por tudo e por todas as graças que nos tendes concedido e por nos teres atendido. Bendito sejais, obrigada (Galegos).

Abril de 2013: Ana Brito de Sousa e Maria Conceição Ribeiro (Remelhe); Maria de Fátima Gomes de Carvalho (Barqueiros); Ana Vieira Torres (Cristelo); Ana Luisa Moreira da Silva (Vila Seca); Maria Oliveira Torres Moreira (Barqueiros); Rui Manuel Gonçalves Ferreira, Maria Gonçalves Lourenço, Rosa Gonçalves Ferreira e Nuno Filipe Gonçalves Ferreira (Roriz); Manuel Gonçalves Ferreira (Celeirós, Braga); Maria Cândida Brito Alves, para pedir graças (Carvalho); Ana Maria da Silva Coutinho escreveu: louvor! (Remelhe); Domingos Salgado e José Joaquim Rodrigues Pinheiro Ferreira (Galegos, S.Martinho); Maria José Gonçalves Fonseca Pereira (Carreira); Cecília Laurinda Lopes Santos (Macieira); Ana B. e A. C. de M. (Vila do Conde); Maria Gomes de Faria (Remelhe); Elvira Moreira Pereira escreveu: graças, D.António Barroso. Obrigada (S. João da Madeira); Francisco Martins, Maria Augusta M. Leite, António Jorge Martins e Artur Jorge Martins (Barcelos); António Joaquim Pereira da Silva (Sta. Eugénia); José Cândido Baptista (Lanheses); Domingos M.Garrido Fonseca, para agradecer (Gamil); Maria Alice Gomes de Faria (Remelhe); António P. Barbosa e Eduardo Lopes da Rocha (Galegos, Sta. Maria); Maria Helena da Costa Pereira e Teresa do Nascimento Rodrigues Elias(S.Veríssimo); Miguel da Silva (Canadá); sem assinatura, escreveu: obrigado, D.António Barroso, por todas as graças que me tendes dado (Galegos, Sta. Maria); Pedrosa, (França) escreveu: trouver le bonheur et l'amour. Guide- moi, s'il te plait. Merci; Barrase, (França) escreveu: j'aimerais avoir de la chance. Aide- moi! Merci. Fátima da Silva (França) escreveu: donne-moi un peu de bonheur et chance; Ana Barbosa e Maria Ferreira Barbosa escreveram: muito obrigada pela vossa bênção e por nos teres guiado e trazido para morrermos no nosso país (Vila do Conde).

Mai de 2013: Florbela Monteiro Esteves Ferreira, para pedir graças, Ana Brito de Sousa e Maria Teresa Simões Monteiro (Remelhe); Joaquim Guimarães Costa (Várzea); Maria do Sameiro O. (Barcelos); Joaquim Gomes M. e Maria da Conceição Brandão Pontes (S.Pedro); Pe. José Adílio Macedo, para pedir graças (Remelhe); António Jesus Loureiro Gonçalves, para pedir graças (Barcelos); Manuel Joaquim Machado Andrade, para pedir graças (Cristelo); José Alberto Senra Ferreira, para pedir graças (Remelhe); António Jesus Loureiro Gonçalves, para pedir graças, e Francisco C. (Barcelos); Sameiro Braga, para pedir graças (Barcelos); Maria Julia Barroso Simões e Maria Margarida Barroso Simões (Remelhe); Maria Cândida Brito Alves, para pedir graças (Carvalho).